

ENTREVISTAS E DEPOIMENTOS

ENTREVISTA COM O PROFESSOR ARMEN MAMIGONIAN *

1. Para tentar situar no tempo, perguntamos inicialmente sobre sua infância e vida em família (nascimento, ano, local de moradia, país, antecedentes, etc).

Nasci em São Paulo, em 1935, de família armênia, sendo minha mãe de Constantinopla e meu pai de Tiflis (Geórgia), cidades que contam até hoje com colônias armênicas numerosas e que lá se instalaram há séculos. Meu pai não deveria concordar com a revolução soviética e foi para Constantinopla e de lá veio casado ao Brasil, mas ele morreu quando eu tinha um ano. Minha mãe se casou com meu padastro, que havia se escapado dos massacres da área armênia existente no interior da Turquia, onde perdeu mãe, irmã e irmão e havia imigrado ao Brasil, mascateando em São Paulo e tinha na época loja de calçados em Campo Grande-MS. Lá fiz primário, ginásio e parte do colégio. Meu irmão e eu éramos responsáveis pela entrega das compras nas casas dos fregueses da loja e assim conhecíamos a cidade palmo a palmo. Viajávamos de trem para São Paulo e nas cidades do Noroeste (Araçatuba, Lins, etc) moravam famílias armênicas, também comerciantes, com as quais tínhamos relações de amizade.

* Perguntas formuladas pelos professores Arlene M.M. Prates, Maria Dolores Buss e Odair Gercino da Silva.

GEOSUL - Nº 3 - 1ª sem. 1987.

2. Como surgiu seu interesse pela geografia?

Meu padastro assistia "O Estado de São Paulo" e para acompanhar a segunda guerra mundial ele ouvia rádio (um aparelho Zenith, americano), sobretudo o repórter Esso ("testemunha ocular da história") e tinha pregado na sala de jantar, junto ao rádio, um mapa minucioso da Europa, o palco principal dos conflitos. Este mapa era um deslumbramento, nele descobri que Portugal ficava na Europa, coisa que eu não podia entender, pois se falava em Portugal com tanta familiaridade, pejorativamente na maioria das vezes ("vã comer bacalhau"), que para mim este país tinha que estar geograficamente próximo do Brasil. Ficava horas vendo o mapa e mais tarde quando descobri os atlas geográficos existentes no colégio e na biblioteca municipal, gostava de observar e copiar mapas. Consultando os livros e enciclopédias da biblioteca municipal passei a me interessar também por história. Meus professores de geografia e história no ginásio e no colégio eram muito bons e até hoje não me esqueci de suas aulas.

Campo Grande era uma cidade de quartéis do Exército e de fazendeiros de gado, mas seu comércio era exercido por imigrantes de várias origens nacionais: sírio-libanesa, japoneses, portugueses, armênios, gregos, alemães, etc. Isto também relembra que as diversidades e conflitos que ocorriam no mundo, também existiam ali. Não me esqueço que após os torpedamentos dos navios de cabotagem brasileiros, durante a segunda guerra mundial, assisti pela primeira vez a fúria popular se desencadear sobre as casas comerciais de japoneses e alemães, que foram saqueadas.

3. Como era o ambiente cultural em seu tempo de estudante?

Minha família se mudou para São Paulo em 1951 e foi então que, cursando o segundo ano científico no colégio Mackenzie, descobri por intermédio do professor de português, Nilo Scalzo, que existia o curso de Geografia e História na Faculdade de Filosofia da USP. Enquanto cursava o científico descobri folhetos de Marx e Engels (Do socialismo utópico ao socialismo científico, etc), que me impressionaram e me ajudaram a entender os conflitos sociais no Brasil e a guerra fria.

Relembro com saudades dos anos da Faculdade de Filosofia. Convivíamos com colegas e professores de vários cursos (Ciências Sociais, Filosofia, Letras, História Natural, etc), assistíamos as defesas de tese não só de geografia (Aziz Ab'Saber: Geomorfologia do sítio urbano de São Paulo), como de outras áreas (Antônio Cândido: Parceiros de Rio Bonito). Éramos obrigados a ler obras em francês ou inglês, fazíamos muitas excursões promovidas pelo Centro de Estudos Capistrano de Abreu, que ajudei a fundar (Santos, Itu, B. Horizonte, etc), participávamos das assembleias anuais de Associação dos Geógrafos Brasileiros (Ribeirão Preto, etc). São Paulo vivia a fase áurea do Teatro Brasileiro de Comédia, do Teatro de Arena, dos inícios do Museu de Arte Moderna e ainda tínhamos tempo de participar do movimento estudantil, onde conviviam e lutavam correntes conservadoras, católicas, esquerdistas, etc. na campanha do petróleo e outras.

4. Como se deu sua vinda para Florianópolis?

Quando eu cursava o quarto ano, Aziz Ab'Saber lembou-se de me indicar para uma vaga no Departamento de Geografia da USP, mas fui vetado por Aroldo de Azevedo, que alegou razões políticas. Nos departamentos de Ciências Sociais e História os professores selecionavam seus auxiliares por mérito intelectuais, convidando recém-formados alternadamente da esquerda e de centro-direita, mas na Geografia os de esquerda eram automaticamente excluídos. Naquela época (1956) os licenciados se inscreviam quase invariavelmente nos concursos anuais de ingresso ao magistério secundário do Estado de São Paulo, que também eram disputados por formados no Rio de Janeiro. O concurso durou todo o primeiro semestre de 1957 (provas de conhecimento, cartografia, aula e erudição), com uns cem candidatos, organizado por uma banca rigorosa que aprovou apenas 20% dos candidatos, onde consegui boa classificação. Naquela época comecei a cursar a especialização na USP, a única pós-graduação que existia e assim, quando se abriu uma vaga de geografia humana na antiga Faculdade Catarinense de Filosofia, fui indicado para ocupá-la por João Dias da Silveira, que havia ajudado a implantar a Faculdade em Florianópolis.

5. Sobre a antiga Faculdade Catarinense de Filosofia, como foi sua participação como professor?

A Faculdade era dirigida pelo professor Henrique da Silva Fontes, educador excepcional, que sabia criar ambiente propício de trabalho. Mesmo com poucos recursos ele apoiava a participação de professores e alunos nas assembleias anuais da ABG (S. Maria - 1958, Viçosa - 1959, Mossoró - 1960), em excursões didáticas, etc. A Faculdade contava com professores de alto nível, como Agostinho da Silva, Eudoro de Souza, João Evangelista de Andrade Filho e no curso de geografia com a presença marcante de Carlos Augusto Figueiredo Monteiro, que naquela época dirigia a preparação do Atlas Geográfico de S. Catarina, no Departamento Estadual de Geografia e Cartografia (DEGC), fundado por Victor A. Peluso Júnior. Minha participação nos trabalhos do Atlas e nas pesquisas sobre a cidade de Brusque, patrocinadas pela Sociedade de Amigos de Brusque, dirigida por Ayres Gevaerd, foram desafios muito estimulantes e agradáveis. As assembleias de AGB eram ocasiões para apresentar e debater as pesquisas que fazíamos (Uma quadra antiga de Florianópolis, em Viçosa-MG e indústrias em Brusque, em Mossoró-RN), além de participar da realização das pesquisas de campo (patrimônios rurais em Viçosa e indústrias em Mossoró), dirigidas pelos maiores geógrafos brasileiros. Na época era impensável um professor universitário de geografia que não fosse bom pesquisador: pesquisa e magistério eram indissolúveis, no modelo desenvolvido na FFCL da USP.

6. Por que ao retornar da França, você vai para Presidente Prudente? Qual a causa de sua saída da Faculdade de Filosofia da UFSC?

Fui à França no ano letivo 1960-61 com bolsa do governo francês, com a intenção de me aprimorar em geografia industrial. Por sorte em Estrasburgo estava Milton Santos, que havia defendido pouco antes brilhante tese sobre o centro da cidade de Salvador. Ele me estimulou a preparar um doutorado com o professor Juillard, que juntamente com Rochetort me deram bons conselhos. Voltei à França em 1962, com materiais que levantei em Blumenau com a ajuda de Odair Gercino da Sil-

va e lá redigi e defendi "Estudo geográfico das indústrias em Blumenau". Em Florianópolis, com a saída de vários professores para outros centros universitários, Carlos Augusto por exemplo foi para Rio Claro, a federalização que afastou o professor Fontes da direção da Faculdade e o golpe militar de 1964, foi mudando o ambiente favorável que existia anteriormente. Os diretores que se seguiram ao professor Fontes (Oswaldo Cabral e Nilson Paulo) eram ditadores e criavam muitos atritos e desgastes. A ditadura militar provocou forte arrocho salarial após 1965 e a universidade negava tempo integral aos docentes da Faculdade de Filosofia, privilegiando neste regime de trabalho a Faculdade de Engenharia. Neste ambiente fui me atritando e assim minha saída foi bem vista pelo status-quo da UFSC, que ia se tornando intolerante e ia impondo o conformismo.

7. Como foi sua experiência de trabalho na Faculdade de Presidente Prudente?

Fui à Presidente Prudente-SP com tempo integral, no momento em que a ditadura impunha o ato nº 5. O clima político tornou-se mais pesado e os professores de esquerda foram ficando quietos e alguns se intimidaram. Julguei que a oportunidade era de resistência político-cultural e não de conformismo, e assim ajudei a criar um cine-clube, que funcionava na cidade, com bons resultados e que recebeu o apoio de Jean-Claude Bernadet. Como o oeste de São Paulo era diferente do vale do Itajaí como formação sócio-espacial, estimulei e realizei pesquisas sobre 1) a importância da renda fundiária na rede de cidades da Alta Sorocabana, 2) os frigoríficos de bovinos no Brasil Central Pecuário, 3) Os laticínios e a economia leiteira em São Paulo e 4) o comércio atacadista e de múltiplas filiais no Estado de São Paulo, pesquisas que procuravam levantar algumas especificidades importantes do oeste de São Paulo. Estes trabalhos foram apresentados nas assembléias da AGB em Presidente Prudente - 1972, Belém do Pará - 1974, Belo Horizonte - 1976 e Fortaleza - 1978, resultando alguns em teses de mestrado e doutorado.

8. Por que retornou para Florianópolis, mais precisamente para o Departamento de Geociências da UFSC?

Em 1975-76 a extrema-direita da USP, que não conseguia tomar o poder, resolveu "criar" a UNESP, que reuniria os institutos de ensino superior estaduais que se dispersavam em Botucatu, Araraquara, São José dos Campos, Presidente Prudente, Araçatuba, Marília, Assis, etc. Implantaram uma estrutura universitária extremamente autoritária (o conselho universitário provisório encarregado de instituir a UNESP não tinha representação docente), eliminaram cursos das Faculdades de Filosofia atendendo aos interesses do ensino privado, patrocinaram a invasão policial de campus universitários, ajudando a agravar o clima político para atender a opção Sílvio Frota, contra a abertura conduzida pelo General Geisel. Fiquei impressionado pelo oportunismo de muitos colegas dos cursos não atingidos: Rio Claro, por exemplo, não mexeu uma palha para impedir a extinção da geografia em Franca. A Faculdade de Filosofia de Presidente Prudente participou ativamente da resistência às arbitrariedades e eu acabei ficando marcado. Como as seitas de esquerda são freqüentemente mesquinhas, membros do PC do B se prestaram às provocações que precipitaram minha saída de Presidente Prudente e assim retornei à UFSC, onde fui bem acolhido por vários colegas.

9. Como se deu sua ida para a USP?

Com o fim do milagre econômico brasileiro, o recrudescimento das lutas populares, o enfraquecimento da ditadura militar e o fracasso da geografia quantitativa praticada pelos geógrafos do IBGE e de Rio Claro, o Departamento de Geografia da USP passou por uma abertura à esquerda, que levou ao aproveitamento de Milton Santos, Armando Correa da Silva, Ariovaldo Umbelino de Oliveira, etc. Por outro lado, a aposentadoria aos 30 anos de efetivo exercício oferecida ao magistério para compensar nossos baixos salários, permitiu pensar em me afastar da UFSC e me candidatar a um concurso na USP. O tema sorteado para a prova escrita (organização do espaço urbano e justiça social) me favoreceu frente aos outros candidatos.

10. Você participa há muito tempo da AGB, tendo inclusive sido um de seus presidentes. O que você acha da evolução porque tem passado essa entidade?

A AGB até 1970 caracterizou-se como uma associação de pesquisadores. Aos encontros nacionais compareciam geógrafos que apresentavam os resultados das suas pesquisas. Três ou quatro grupos de pesquisa dirigidos por geógrafos experientados faziam trabalhos de campo, nos quais se iniciavam os alunos, dando origem a relatórios preliminares que eram apresentados e debatidos no final dos encontros. Em minha primeira assembléia da AGB (Ribeirão Preto - 1954), tive oportunidade de acompanhar a sub-equipe dirigida por R. Maack e Aziz Ad'Saber e presenciar durante três dias as pesquisas ao longo de um itinerário de uns 150 km; ao final de cada dia de trabalho eles se sentavam e cotejavam dados referentes às distâncias, altitudes, rochas encontradas em cada parada, seus mergulhos e direções, com os quais desenhavam perfis geológico-geomorfológicos. Eu que cursava o segundo ano, passei a entender como "nasciam" os blocos geomorfológicos que tanto me impressionavam nos livros de Lobeck e outros.

Os encontros da AGB eram mais produtivos e democráticos que os cursos de geografia existentes nas universidades e realizavam os treinamentos de pesquisa e os debates que eram escassos nos cursos. Assisti e depois participei de debates, freqüentemente duros, estimulantes e francos que envolveram João Dias da Silveira, Aziz Ab'Saber, Lysia Bernardes, José Ribeiro de Araújo Filho, Roberto Lobato Corrêa, etc. Com o tempo a AGB foi perdendo vitalidade, pois a conciliação foi tomando conta das cúpulas e os mandarins da geografia foram acertando entre si zonas de influência e com isto o debate foi sendo desestimulado. Isto ficou perceptível no encontro de Presidente Prudente (1972), quando os quantitativistas do Rio de Janeiro e de Rio Claro apresentavam enxurradas de comunicações freqüentemente medíocres e não foram enfrentados pelos mandarins da UPS. Além disto a geografia não tinha para o desenvolvimento capitalista selvagem a utilidade da engenharia ou da economia, sendo reduzida no regime militar a simples instrumento de propaganda (Revista Brasileira de Geografia, EPB, etc).

Esta crise da AGB coincidiu com uma conjuntura de radicalização do movimento estudantil da geografia e permitiu um movimento de renovação da entidade a partir do encontro de Fortaleza (1978), mas na assembléia de mudança de estatutos (São Paulo - 1979) apenas os núcleos de Presidente Prudente e Rio de Janeiro tinham propostas articuladas. A pobreza política de algumas correntes estudantis lideradas por geógrafos "iluminados" criou na AGB um clima de relativização absoluta do indivíduo e sua inserção forçada à "comunhão coletiva" dos "filhos da História", visando apagar diferenças de opiniões a custo da supressão dos "inimigos", a custo da verdade revelada de um "marxismo" de terceira classe. Felizmente a vida não para e há todo um trabalho de reconstrução cultural em andamento na geografia, que começa a dar seus primeiros frutos.

11. Por duas vezes você esteve na França, onde realizou cursos de pós-graduação. Como você vê a geografia francesa?

A geografia francesa nas décadas de 1930 e 40 passou por importante renovação, decorrente da crise econômica mundial, da segunda guerra mundial e da esquerdização por que passou a sociedade. Assim, J. Drerch, P. George, J. Tricart e outros iniciaram um esforço por introduzir a dialética e as idéias de formação social na análise geográfica. Os historiadores da escola dos "Annales" realizaram tentativas semelhantes, com resultados mais significativos (M. Bloch, L. Febvre, etc). Com a recuperação econômica do pós-guerra, a direitização da sociedade, o dogmatismo do PCF e a insuficiência teórica dos geógrafos franceses, essas tentativas infelizmente refluíram sob o clima geral da conciliação social-democrática. Neste sentido é ilustrativo o recuo de P. George entre *La ville* (1952) e *Précis de géographie urbaine* (1961). Com a crise mundial de 1973 e todas suas consequências, o surgimento das revistas *Hérodote*, *Espaces-Temps*, etc reflete a preocupação pelo aprofundamento das questões teóricas e a aproximação da realidade contemporânea, das quais a geografia havia se afastado. Gostaria de lembrar que obras magníficas daquela primeira fase de renovação, como por exem-

plo L'habitat urbain, de J. Tricart, continuam desconhecidas entre nós.

12. Com relação à geografia em Santa Catarina, como você vê seu desenvolvimento desde a época da antiga Faculdade Catarinense de Filosofia até hoje?

Na antiga Faculdade Catarinense de Filosofia tínhamos a combinação ensino-pesquisa, que fazia parte da tradição universitária européia. O professor Fontes era ele próprio pesquisador na área de filologia e havia publicado anos antes livros didáticos de geografia. Esta combinação, para a geografia, era facilitada pela existência do DEGC e assim nasceram várias pesquisas realizadas por Carlos Augusto, Tare-da, Paulo Lago e por mim, sendo o Atlas geográfico de Santa Catarina, publicado em 1960, obra pioneira a nível nacional e que serviu de modelo a outras iniciativas semelhantes pelo Brasil e sob vários aspectos mais moderna do que o Atlas recém publicado pelo Gaplan-SC. Já assinalei que a saída do professor Carlos Augusto, a federalização e o regime militar causaram sérios prejuízos à geografia, que passou a ser inferiorizada pela falta de apoio, estímulos e recursos, culminando no fechamento do DEGC no desgoverno Konder Reis e na introdução de Estudos Sociais, EPB, OSPB. Assim, quando os problemas ecológicos passaram a se agravar (enchentes no vale do Itajaí por exemplo), Santa Catarina estava desprovida de estudos sobre sua realidade geográfica, retardando ainda mais a busca de soluções.

Infelizmente muitos professores introjectaram a inferiorização imposta e a perda de autonomia dos pesquisadores frente aos burocratas universitários, aceitando sua condição de "funcionários públicos" encarregados de dar "aulinhas" e/ou passando a explorar as possibilidades de "consultorias" e ascensão a qualquer preço, no estilo "levãr vantagem em tudo". A obrigatoriedade com que antes os professores assumiam suas pesquisas quase cessou, a iniciação científica dos alunos foi negligenciada, as reuniões científicas (AGB) foram abandonadas. O Departamento passou por um processo de provincianização, vendo com maus olhos, desconfiança ou des-

lumbramento os pesquisadores dos centros mais dinâmicos, os "brilhantes de fora" que vinham ofuscar a "prata da casa".

Felizmente nem todos os professores se deixaram abater e se enquadrar no modelo burocrático-elitista, procurando manter elevadas responsabilidades intelectuais e sociais. Com a abertura política passaram a tomar iniciativas de se integrar nas mudanças em curso, intensificar os contatos com pesquisadores locais, nacionais e estrangeiros e assim surgiram, com o apoio dos alunos interessados, as Semanas de Geografia da UFSC, o curso de mestrado, a revista Geosul, etc, que vão procurando romper com o círculo vicioso do imobilismo derrotista. É uma luta árdua, mas que o Departamento precisa levar a frente para crescer.

13. Como você se enquadraria dentro do pensamento geográfico?

Tive chance de ler antes e durante minha graduação na USP textos políticos, econômicos e filosóficos marxistas, muito escassos na época, que ajudaram a contrabalançar os textos geográficos do curso, freqüentemente funcionalistas. Apesar da má vontade do Departamento também lia bastantê P. George, A. Cholley e J. Tricart, sendo que este último quase nunca era citado em geografia humana. Percebi que todo o processo a ser decifrado resultava de situações precedentes sociais-naturais-espaciais e neste sentido o conceito de combinações genéticas de diferentes complexidades de Cholley foi muito útil. Também foi de grande valia para mim a militância na política estudantil, muito vinculada aos problemas nacionais e sociais (petróleo, Vargas, JK, greve, etc).

Quando iniciei minha pesquisa sobre Brusque pude partir de conceitos de formação social (pequena produção mercantil) e de excedente econômico (dos camponeses aos comerciantes). Não me deixei enredar pelas simplificações "marxistas" vigentes (capitalismo "igual" em todos os lugares e a-histórico, "inexistência" de diferenças culturais e nacionais, etc). Assim, nas minhas pesquisas iniciais e posteriores procurei partir de perguntas como: quem eram os ricos e quem eram os pobres? em que trabalhos e atividades estavam empenhados? como se articulavam com o restante da sociedade na-

cional e internacional? A nível de organização espacial procurei me basear nos textos de Tricart (L'habitat urbain e L'habitat rural), muito estimulantes. Comparando aquelas primeiras pesquisas sobre Brusque e Blumenau com outros estudos feitos na mesma região, constato com prazer que consegui apreender importantes especificidades e tendências destas áreas de origem alemã.

Combati o empirismo-abstrato quantitativista na geografia nas assembléias de AGB (Presidente Prudente, Belém e Belo Horizonte), e rendo homenagem a Manoel Correa de Andrade pela luta travada. Desde então vou procurando apurar as relações entre geografia e marxismo, sem aceitar a divisão intelectual do trabalho vigente, que segmenta todas as ciências e que contribui para a alienação da teoria e da prática.

14. Em sua última viagem à Europa, você teve oportunidade de conhecer diversos países da Europa oriental e Ásia. O que pode relatar de interessante desses países?

Durante o ano de 1984 tive oportunidade de realizar viagens pela Europa ocidental, oriental (Hungria, Iugoslávia, URSS) e pela China, passando por Hong-Kong. A primeira observação é que em todas estas áreas, por mais diferentes que sejam, o passado tem um peso muito maior do que imaginamos. Nas áreas mais camponesas do centro da França sobrevivem práticas de feitiçaria, no sul da Itália vivem populações de origem grega e albanesa, que mantêm traços culturais originais, na Armênia ainda se fazem sacrifícios de carneiros. É como se o passado sobrevivesse no presente, em diferentes camadas que se superpõem. Assim, um armênio socialista vai à igreja católica gregoriana, que existe há 1.700 anos, e para desejar felicidades a seu filho que está sendo batizado, promove ao lado da igreja ao sacrifício de um carneiro (prática pagã), que será dividido entre as famílias amigas.

Por outro lado, nossa visão eurocêntrica tende a desvalorizar o oriente e no interior do ocidente repete o mecanismo. Uma comparação entre Itália e França surpreendentemente (Jic!) favorece à Itália, que é um país de riquíssima tradição cul-

tural, onde dezenas de cidades tem monumentos histórico-arquitetônicos importantes, como em Ravena, Siena, Gemona, Assis, etc para não falar das mais conhecidas. Neste sentido a França é proporcionalmente pobre, pois é um país de forte base camponesa, enquanto a Itália é um país de vida urbana muito rica há séculos. Numa outra comparação a pobreza da sociedade européia na época da transição feudalismo-capitalismo pode ser constatada no fato de estarem sepultados numa única catedral, a de S. Denis, praticamente todos os reis franceses, enquanto a riqueza da civilização chinesa da mesma época fica evidenciada pelos riquíssimos monumentos construídos para abrigar os restos mortais de cada imperador da dinastia Ming, ao norte de Pequim.

Os países socialistas estão em diferentes níveis de organização e de desenvolvimento econômico. Iugoslávia e Hungria tem supermercados, que não existem na URSS e na China. O pequeno comércio, o artesanato e a manufatura são dinâmicos neste último país, que é basicamente rural, enquanto a URSS se industrializou e se urbanizou fortemente. Em todos eles a infra-estrutura econômica e social está implantada e funciona. O transporte por metrô na URSS aparece até nas cidades de um milhão de habitantes (Erivan, Tiflis, etc) e começa a ser implantado nas grandes cidades chinesas, que aliás estão em torno de 6 milhões de habitantes (Pequim e Changai), muito menos do que se divulga no ocidente. Na China convivem diferentes épocas históricas e técnicas de trabalho: biodigestores, manufaturas e indústrias nas zonas rurais, enquanto nas cidades coexistem fábricas e transportes da 1ª, 2ª e 3ª revoluções industriais, ao lado de artesãos e manufaturas, estes últimos variadíssimos e ricos. Trens a vapor convivem com aviões à jato, satélites artificiais, raios laser, bicicletas e carrinhos à mão. Pouquíssimos automóveis, reservados aos dirigentes, os "grandes legumes" na expressão popular, enquanto na URSS, Hungria e Iugoslávia o uso de automóveis aumenta aceleradamente.

Principais trabalhos publicados pelo professor Armen Mamigonian

"Habitat urbano e rural", capítulo do Atlas geográfico de Santa Catarina, DEGC, Florianópolis, 1958.

A indústria em Brusque-SC e suas conseqüências sobre a vida urbana, Bol. Carioca de Geografia, Rio de Janeiro, 1960.

Estudo geográfico das indústrias de Blumenau, Rev. Bras. Geografia, Rio de Janeiro, 1965.

Vida regional em Santa Catarina, Orientação, IG-USP, São Paulo, 1966.

Notas sobre o processo da industrialização no Brasil, Boletim do Dep. Geografia da FFCL de Presidente Prudente, 1969.

Tendências recentes do processo de urbanização na Alta Sorocabana, Anais da AGB, São Paulo, 1973.

Notas sobre a indústria de eletricidade em Santa Catarina, Boletim do Dep. Geografia da FFCL de Presidente Prudente, 1974.

O processo de industrialização de São Paulo, Boletim Paulista de Geografia, nº 50, São Paulo, 1976.

Notas sobre os frigoríficos do Brasil Central Pecuário, Boletim Paulista de Geografia, nº 51, São Paulo, 1976.

Introdução ao estudo da economia leiteira paulista, Boletim do Dep. Geografia da FFCL de Presidente Prudente, 1979.

A geografia urbana brasileira, in M. Santos (org.), Novos Estudos de geografia humana, Hucitec, São Paulo, 1982.

Tecnologia e desenvolvimento desigual no centro do sistema capitalista, Rev. Ciências Humanas, UFSC, Florianópolis, 1982.

Inserção de Mato Grosso ao mercado nacional e gênese de Corumbá, Geosul, Florianópolis, 1986.

Industrialização de Santa Catarina, capítulo do Atlas de Santa Catarina, Gaplan, Florianópolis, 1986.